

Descontentes fizeram a cama

O empresário Sílvio Santos deve seu ingresso na disputa sucessória ao presidente José Sarney e aos dissidentes do PMDB e do PFL, que sonharam até recentemente com a troca dos candidatos Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves. Uma união de conveniências permitiu que Sarney vetasse — e o Congresso mantivesse este veto — o dispositivo da Lei Eleitoral que reabriu o prazo de filiação partidária para a eleição do dia 15, que se encerrara a 15 de maio.

Os parlamentares que defendem o presidente José Sarney no Congresso não seriam suficientes para manter o veto, se não tivessem, por ocasião da votação, contado com a ajuda de peemedebistas e pefelistas que estavam descontentes com os candidatos escolhidos por seus partidos e viam, na inexistência de um prazo para as filiações parti-

dárias, a chance de continuar lutando por sua troca.

No fim de agosto, descartada totalmente a hipótese de Quércia substituir Ulysses Guimarães, deputados do PMDB encabeçaram um movimento de lideranças partidárias que resultou na elaboração de um substitutivo à Lei Eleitoral, que entre outras coisas fixava um prazo final para as filiações partidárias (15 dias após a promulgação da nova lei), mas que acabou sendo derrubado no Senado, por pefelistas que já tinham aderido à candidatura de Fernando Collor de Mello (PRN) e viam no substitutivo — que inclusive pretendia limitar o aparecimento dos candidatos nos programas de rádio e televisão — um casuísmo cuja única intenção era a de prejudicar o candidato que até hoje lidera as pesquisas de intenção de voto.